

**DISCURSO DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL
NO ACTO DE ABERTURA DA 8.ª SESSÃO
DO COMITÉ CENTRAL DA FRELIMO**

Camaradas membros do Comité Central da FRELIMO,
Camaradas membros do Comité Executivo da FRELIMO,
Camaradas membros do Conselho de Ministros da República
Popular de Moçambique,
Camaradas membros do Estado-Maior General das Forças
Armadas,
Camaradas membros das Forças Populares de Libertação de
Moçambique,
Camaradas militantes em diversos sectores de actividades:

Primeiro saudamos os camaradas membros do Comité Central e do Comité Executivo, os membros das Forças Populares de Libertação de Moçambique e o Estado-Maior General, os militantes em tarefas governativas. Boas-vindas aos camaradas que vêm de várias frentes, de várias províncias, de várias tarefas e sectores, que se encontram engajados nas tarefas gigantescas da reconstrução nacional, após o engajamento na luta vitoriosa.

O sangue novo inspira o Comité Central da FRELIMO; o sangue novo dos que construíram a nossa vitória.

Saudamos a Imprensa e Rádio, camaradas de uma frente importante, combatentes que levam as nossas balas ideológicas a toda a parte e fazem-nas penetrar mesmo no seio do inimigo. Através dos camaradas vindos das zonas libertadas, saudamos o povo das zonas libertadas, o povo que assumiu os sacrifícios.

É esta uma sessão histórica. Histórica porque é pela primeira vez que se reúne o Comité Central após a proclamação da Independência do nosso País; porque é pela primeira vez que se reúne o Comité Central na Capital do nosso País, libertado pelo sacrifício do povo e pelo sangue dos seus melhores filhos; porque é a primeira vez que se reúne o Comité Central na Sede da FRELIMO.

Em 1962 pareciam visionários, pareciam profetas aqueles que, ao elaborar os Estatutos da FRELIMO, inscreveram no lugar da sede da FRELIMO — Lourenço Marques. Esta reunião concretiza essa confiança histórica dos fundadores da FRELIMO; confiança de que o processo de libertação era um processo irreversível. Reunimo-nos, hoje, na sede do Maputo, ou na cidade de Maputo. Para além da mudança do nome, as medidas tomadas quanto ao problema habitacional, racial e social, no Dia dos Heróis Moçambicanos garantem-nos que, assim como o nome Lourenço Marques designara uma cidade colonial, o nome Maputo passará a designar uma cidade verdadeiramente moçambicana, dentro de uma sociedade livre do racismo, do regionalismo e dos preconceitos.

É esta uma sessão histórica pelo momento em que tem lugar, pelo seu conteúdo concreto, pelas suas tarefas. Sessão histórica, porque se realiza num período de grandes conquistas revolucionárias do nosso povo. Sessão histórica pela importância dos problemas que vai abordar e da resolução dos quais dependerá o futuro político, económico e social do nosso País.

Acabámos de celebrar o Dia dos Heróis Moçambicanos. Esta reunião, que se realiza na capital libertada da nossa Pátria independente, é o resultado dos sacrifícios e do sangue, sangue dos seus melhores filhos. Muitos poderiam estar aqui presentes connosco. Não estão aqui porque fizeram, ao longo do caminho glorioso e heróico, construindo com os seus corpos, combate após combate, sacrifício

após sacrifício, vida após vida, camarada após camarada, a ponte através da qual o povo transportou a liberdade e a revolução até às margens do Maputo.

Mas, a sua recordação, o seu exemplo, estão aqui entre nós. Continuam na fileira da frente a inspirar-nos, a orientar-nos na nova fase do nosso combate. Dizemos que os heróis não são só aqueles que morreram. Os heróis são aqueles que vivem a transformação. São aqueles que participam. São aqueles que não hesitam em realizar, sobretudo quando estão a realizar as tarefas populares. Por todos aqueles que caíram e por isso não estão aqui presentes, pelo seu exemplo de servir o povo, observemos um minuto de silêncio.

CONTEXTO DA 8.ª SESSÃO

Em que contexto se insere esta reunião? Sabemos que cada desenvolvimento traz transformações e mudanças profundas, essas transformações, essas mudanças profundas devem ser acompanhadas por todos os militantes, da direcção, do escalão médio até à base. Os Estatutos prevêem uma reunião do Comité Central todos os seis meses. Durante a guerra popular de libertação, o engajamento de cada um de nós nas tarefas concretas, as longas distâncias, as dificuldades e a lentidão das comunicações impediam materialmente que respeitássemos, na prática, esta disposição.

E muitos, muitos, durante a luta de libertação nacional, mesmo que as condições não permitissem, exigiam que o Comité Central se reunisse constantemente. Mesmo quando a nossa linha não estava ameaçada, exigiam que a reunião do Comité se realizasse. Mesmo que não existissem problemas a discutir, por uma questão de rotina, por uma questão de tradição e por falta de visão global e por falta de flexibilidade e, muitas das vezes, por falta de conhecimento profundo da evolução da luta de libertação nacional, levava muitos membros a exigir que o Comité se reunisse periodicamente.

Hoje, a nossa vitória permitiu criar novas condições e impõe-se fazer o balanço da nossa vida, das nossas actividades e, em particular, o estudo da situação actual no nosso País e no seio da nossa Organização.

O que representam as reuniões na nossa vida? Para nós, as reuniões representam, primeiro, uma ocasião para sintetizar, para resumir as nossas experiências. Segundo, uma ocasião para reflectir sobre o conjunto do processo revolucionário, para ter uma visão global, e não somente departamental, não somente provincial ou sectorial. Terceiro, um momento decisivo da nossa unidade, através do processo Unidade-Crítica-Unidade. Quarto, a definição clara das tarefas exigidas pela situação vivida e dos mecanismos para a sua implementação. Quinto, foi esta a tarefa das sessões anteriores do Comité Central, após o II Congresso.

Vejamos aquelas que estão mais ligadas à situação actual do nosso País. Primeiro, a Quinta Sessão em Dezembro de 1972 foi uma longa reunião de 26 dias de análise da situação no nosso País, da nossa Organização e da conjuntura africana e internacional. Segundo, constituiu um verdadeiro seminário para os seus participantes. Terceiro, por essa razão, a palavra de ordem «Ofensiva generalizada em todas as frentes» pôde, efectivamente, ser assumida e levada a cabo no plano político e organizacional, no plano militar, no plano diplomático, no domínio da reconstrução nacional. O resultado destas decisões importantes foi termos assistido ao desmoronamento final do colonialismo português, assistimos à derrota sem precedentes do exército colonial português, assistimos a ataques e assaltos às bases e fortalezas do inimigo, assistimos à captura de grandes quantidades

de material. Finalmente, assistimos à rendição incondicional do inimigo às Forças Populares de Libertação de Moçambique.

Segundo, a Sexta Sessão, que foi em Agosto de 1974, tinha como objectivo traçar as linhas a seguir no processo das negociações e no período de transição. Esta reunião afirmou os princípios básicos que permitiriam o restabelecimento da paz que resultou da parte do Governo Português o reconhecimento do direito do povo moçambicano à independência, reconhecimento, da parte do Governo Português, da FRELIMO como o representante legítimo do povo moçambicano do Rovuma ao Maputo, a aceitação da transferência dos poderes que ainda detinha, para a FRELIMO. Definiu as tarefas essenciais do período de transição. Primeiro, o desmantelamento das estruturas político-militares do colonialismo. Segundo, a implantação das bases do Poder Popular Democrático em todo o País. Terceiro, a consolidação e extensão das Forças da FRELIMO.

Essa a tarefa que coube ao Governo de Transição depois da Sexta Reunião, que teve lugar para analisar o processo das negociações com o Governo português. E os resultados obtidos são os que todos nós vimos, os que nós todos assistimos, os que todos vivemos.

Terceiro, a Sétima Sessão, em Junho de 1975, já na província de Inhambane, zona do Tofo. Esta reunião tinha por objectivo a definição das orientações básicas do Estado e assim define a natureza e fins do poder do Estado, do poder da aliança operário-camponesa, para edificar a nova sociedade. Define a fase revolucionária, fase da edificação da democracia popular. Define a força dirigente do Estado e da sociedade que é a FRELIMO. Define as estruturas do poder de Estado, estruturas democráticas do poder de classe. Define o cidadão da República, os seus direitos e deveres. Define os aliados e os inimigos de classe no plano nacional e internacional.

Em resumo, a Sétima Sessão aprova a Constituição da República Popular de Moçambique, a Lei da Nacionalidade, e traça as orientações básicas do Estado.

Neste momento, encontramos-nos numa situação nova e com tarefas novas. Quais os reflexos desta nova situação sobre a nossa Organização, tanto no que respeita às nossas estruturas, como no que respeita à nossa vida?

AO NÍVEL DAS ESTRUTURAS

Ao nível das estruturas: tiveram que se estender a todo País e exercer tarefas muito vastas e, em certos casos, tarefas para as quais não estávamos preparados. As estruturas existentes da FRELIMO correspondiam a uma fase em que as tarefas administrativas eram exercidas pela FRELIMO e não têm em conta a situação actual em que as tarefas executivas de tipo administrativo são exercidas pelo Governo. As estruturas actuais não correspondem à fase actual da construção da nova sociedade com as tarefas políticas prioritárias e isso implica que necessitamos de estruturas e canais de comunicação que reflectam e transmitam a cada momento as aspirações reais das massas organizadas em todo o País. Necessitamos de estruturas que nos permitam ter a cada momento a visão de conjunto dos problemas de todo o País e não apenas da região afectada.

Ao nível da nossa vida, constatamos o abalo introduzido pela nova situação na forma de viver revolucionária, forjada durante a guerra popular de libertação. Há elementos, há dirigentes, há quadros e combatentes que ficaram rapidamente ultrapassados pelo processo de reconstrução nacional. Que ficaram ultrapassados e tornaram-se incapazes de compreender a prioridade a dar a estas

tarefas actuais. O contacto com a cidade reavivou as concepções burguesas dos elementos que não tinham interiorizado a nossa linha.

Só viviam a nossa vida, porque no campo e na luta não tinham condições para realizar as suas aspirações de tipo capitalista e a vida moralmente corrupta que desejavam. Trata-se de elementos que sistematicamente recusaram o combate interno, procuraram a todo o custo conservar a superestrutura, não abalaram o esquema mental, apesar de todos nós estarmos empenhados na luta de libertação nacional. Isso significa que recusaram o combate interno, quando preservaram, quando guardaram bem escondido a superestrutura, as leis e os deveres dos colonialistas. Ao recusar o combate interno, significa para nós que existe na mentalidade de alguns de nós o subjectivismo, o espírito de importância, existe o liberalismo, existe a ambição, existe o individualismo.

E esses são os elementos que impedem o avanço. São estes elementos que impedem a interiorização da nossa linha. São estes que preservam a superestrutura nas mentalidades de alguns de nós. Outros, porque têm um passado de traição. Forneceram à PIDE informações sobre o nosso plano de guerra e a nossa estratégia. Alguns dirigentes foram perdendo as qualidades de militantes e, muito mais, as de membros do Comité Central.

Por isso alguns se surpreendem quando nós fazemos purificações periódicas, quando nós fazemos depurações nas nossas fileiras, quando rejeitamos categoricamente elementos, diremos, com deformações profundas. E não só deformações como formação. É necessário, a partir daí, tirar as consequências e tomar as decisões apropriadas. Significa o estudo constante, definição constante do amigo e do inimigo, do aliado e daquele que está aliado com o inimigo. Tem havido tendência entre alguns camaradas, para considerar a forma de vida que era a nossa, a vida colectiva, uma necessidade de circunstância imposta pelas condições de luta, que hoje já não se justifica. Mas o que é para nós a vida colectiva? A vida colectiva para nós é uma das maiores conquistas da nossa luta, uma das maiores conquistas da nossa Revolução, uma das maiores conquistas do nosso povo, unido do Rovuma ao Maputo.

Porque através da vida colectiva compreendemos e aprendemos a conhecer-nos profundamente, a identificar os revolucionários, a detectar os reaccionários encobertos no nosso seio. Aprendemos a ter relações profundas de camaradagem, baseadas no amor e na amizade real, porque estamos engajados no mesmo combate, porque combatemos o mesmo inimigo e queremos atingir o mesmo objectivo. Aprendemos a dar o verdadeiro sentido à crítica e à auto-crítica, instrumentos revolucionários para o melhoramento de cada um e da nossa sociedade no seu conjunto.

Gostaríamos de sublinhar a importância do que é a vida colectiva. É principalmente através da vida colectiva que nós consolidamos a nossa unidade e forjamos o pensamento comum dirigente. Todos estes aspectos são partes integrantes da nossa unidade, que nós devemos preservar. É uma conquista da nossa luta, é uma conquista da nossa Revolução, é uma conquista da nossa sociedade, é uma conquista do nosso povo.

É, desde já, a partir do momento em que nós conquistamos o património revolucionário, um património que deve ser transmitido de geração em geração, para que o nosso País preserve as tradições revolucionárias.

No passado, era a luta armada revolucionária o agente acelerador das transformações sociais, e da nossa própria transformação, da conquista da mentalidade nova. Qual é esse agente acelerador hoje?

O AGENTE ACELERADOR DE HOJE

A luta que terminou foi o aquecedor que foi o agente que abalou as mentalidades de muitos, que foi o agente que formou rapidamente quadros, que foi o agente que nos obrigou a descobrir que nós formamos um povo, que nós tínhamos a mesma identidade, identidade moçambicana, que nós tínhamos a nossa cultura, que nós tínhamos a nossa personalidade, que nós tínhamos o nosso lugar nas nações, que nós tínhamos o nosso lugar no continente africano e no Mundo.

E hoje, se perguntarmos, já que o agente acelerador terminou — que foi a luta armada — qual será o agente transformador da sociedade moçambicana hoje? Qual será o agente que vai permitir preservar as nossas conquistas revolucionárias, qual será o agente que vai permitir educarmos de uma maneira correcta, darmos orientações correctas, darmos a personalidade real, moçambicana, às gerações futuras?

Nós pensamos que hoje, o que se agudiza no nosso País é a luta de classes. Para participarmos nesta luta de classes, só através da participação concreta nas tarefas e na vida do povo. E essa participação deve ser uma participação consciente, uma participação com noção profunda de responsabilidade. É isso que vai permitir identificarmo-nos com o povo, com os interesses do povo, é isso que vai permitir-nos constantemente detectar o inimigo infiltrado ou camuflado no nosso seio. É combatendo permanentemente as ideias feitas e os hábitos sociais, assim como os métodos de trabalho herdados da sociedade colonial e do aparelho de Estado burguês. É combatendo o espírito de rotina e de imitação inconsciente do que fazia o colonialismo.

Isto, certamente, vai suscitar as contradições. Haverá contradições a certa altura antagónicas, haverá contradições agudas, e importa sempre estarmos conscientes, e devemos definir o tipo de contradições. Quando se trata de contradições entre nós e o inimigo, essas são contradições antagónicas, são contradições insolúveis, são contradições irreductíveis que só com um combate permanente, que só com um engajamento profundo de todos nós seremos capazes de ultrapassar qualquer tipo de contradição.

Recorrendo sempre ao nosso instrumento, à crítica e autocrítica para atingirmos a unidade, unidade real e não unidade aparente. E essa prática que ganhámos ao longo da luta de libertação nacional deve ser transmitida, deve ser assumida e não vista como uma humilhação. Nós, quando fazemos a crítica, é para reganhar um camarada, para melhorarmos as suas qualidades e eliminar aquelas que são prejudiciais à sociedade.

Por isso não nos surpreenderá o aparecimento das contradições, porque elas existiam. Existiam contradições antagónicas entre nós e o inimigo e nós perguntamos: Com a derrocada do colonialismo português, com a vitória do povo moçambicano, desapareceram essas contradições? Responderemos que não. Algumas estavam no estado latente, estavam adormecidas essas contradições. E que hoje já encontram o seu ambiente apropriado, portanto, de repente surgem. E nós temos consciência de que de novo engajar-nos-emos no combate real para superar essas contradições.

O INIMIGO PERMANENTE

Agora perguntamos: de que modo se manifestam essas contradições entre nós? Será talvez matéria para o Comité Central, nos seus debates profundos, porque é preciso abalar as mentalidades, é preciso abalar o inimigo permanente, o individualismo, a ambição, a indisciplina, o liberalismo. Por isso dizemos que o Comité Central, durante os seus trabalhos, debruçar-se-á sobre este problema.

Em resumo, poderíamos dizer que devemos, antes de mais, saber valorizar as nossas experiências. Conhecer conscientemente o sentido e o alcance das nossas conquistas para as podermos defender e ampliar. Dar prioridade às zonas libertadas que constituem a materialização das nossas conquistas políticas, económicas e sociais. Nós consideramos as zonas libertadas o reservatório, a fonte de inspiração para todos nós, a reserva da nossa revolução, a fonte permanente da nossa inspiração na defesa dos interesses do povo explorado.

Do que dissémos anteriormente, partir da nossa experiência, valorizá-la, defendê-la e ampliá-la decorre que devemos dar prioridade às zonas libertadas na nossa acção.

Qual a situação actual das zonas libertadas?

O deslocamento das estruturas, de muitos camaradas que tiveram que ser afectados em outras zonas, enfraquece as nossas estruturas nas zonas libertadas. Assistimos à penetração das ideias erradas, à penetração de ideias e maneiras de viver do inimigo, até então restrita aos aldeamentos e centros urbanos.

Assistimos ao afluxo de refugiados que haviam permanecido no exterior, longe da guerra e longe do processo de transformação determinado pela guerra popular e criando, no entanto, maus hábitos. A chegada dos elementos que viveram muito longe do processo da guerra popular, que não sofreram as transformações, trazem para as zonas libertadas o regionalismo, trazem o tribalismo, trazem o racismo, trazem o alcoolismo, trazem a vida degradante do colonialismo e do capitalismo, o alcoolismo e a prostituição, o gosto pelo dinheiro.

Trazem para as nossas zonas a preguiça, o desprezo pelo trabalho manual e, sobretudo, pelo trabalho organizado que significa o trabalho colectivo. Portanto, desprezam o trabalho da Reconstrução Nacional, desconhecem que é o homem que cria a riqueza. É o trabalho que permite a transformação da sociedade. Gostaríamos que o Comité Central se debruçasse, consciente e profundamente, sobre as questões das zonas libertadas.

Como fazer da palavra de ordem «prioridade às zonas libertadas» uma realidade e não só «slogan» no papel? Dedicando nesta reunião a nossa atenção à análise desta situação. Pensamos que só resolveremos a situação das zonas libertadas enviando para essas regiões quadros qualificados política e tecnicamente sobretudo ao nível dos Serviços de Saúde, dos Serviços de Educação e Cultura, sobretudo ao nível do trabalho da Produção e Comércio.

Porque existem especuladores que deturpam as nossas orientações nas zonas libertadas. E esses quadros afectados aos Serviços de Saúde, afectados aos Serviços de Educação, afectados aos Serviços de Comércio, devem transformar-se em verdadeiros comissários políticos com a visão do processo histórico passado, presente e futuro.

Há algumas formas agudas de infiltração, além daquelas que já conhecemos, daqueles métodos que nós neutralizámos, daqueles métodos em que o povo já está preparado, existem novos métodos de infiltração. Primeiro, ao nível dos grupos dinamizadores encontramos antigos agentes da PIDE, encontramos antigos membros do exército colonial e encontramos antigos membros das organizações OPV, Fle-

chas, GE, GEP e outros que foram membros da ANP, partido do Marcelo Caetano e que, portanto, foram difusores activos da política colonial.

E hoje encontramos esses elementos às vezes como secretários dos grupos dinamizadores, para dinamizar para o lado do inimigo. Queremos apelar que só eliminaremos, que só impermeabilizaremos as nossas fileiras, se os grupos dinamizadores assumirem, conscientemente, o que são os nossos interesses e o que são os interesses do inimigo, a quem defendemos e a quem eles serviram.

Esses devem passar por um processo de transformação, de educação política para poderem conhecer o que é o povo e para poderem fazer um exame profundo do seu passado, porque uma grande parte, sinceramente estamos convencidos, tem as mãos sujas de sangue. São eles que degolavam os nossos militantes; são eles que impedem a difusão da política da FRELIMO. Por isso, esses não são, automaticamente, membros dos grupos dinamizadores, mas devem passar por um processo. Mas, para isso, muitos deles utilizam certas afinidades, utilizam certas amizades antigas, utilizam a familiaridade que foi sempre um instrumento do inimigo, para neutralizar alguns militantes da FRELIMO de forma a não denunciarem os agentes do novo povo e amigos fiéis do nosso inimigo.

E assistimos, também, é bom confessarmos, porque é uma realidade de que todos nós temos consciência, que essa penetração não é somente ao nível dos grupos dinamizadores. É até ao nível do aparelho de Estado. Alguns foram ideólogos da política de Marcelo Caetano e hoje assumem altas responsabilidades ao nível do Estado, do aparelho do Governo.

É só com a vigilância e com a participação activa da população, de todos nós, que sentiremos essa responsabilidade e saberemos que isso representa um perigo imediato e a longo termo: a presença de elementos que serviram fielmente a política fascista, a política colonialista, aqueles que impediram um processo revolucionário no nosso País.

E assistimos, agora, à chegada maciça de elementos que tinham vivido no exterior durante toda a luta de libertação nacional. Neste caso não é segredo, porque o II Congresso da FRELIMO revelou esta realidade.

Trata-se, em primeiro lugar, dos antigos estudantes da FRELIMO enviados para o exterior. Em muitos países, países amigos que nos davam bolsas para que esses elementos regressassem para acelerar o colapso do colonialismo. E transformaram-se em nossos inimigos. Por isso dizemos que se trata de estudantes que durante a luta, primeiro se recusaram a participar na luta, que a luta de libertação nacional, a luta armada, era para os não evoluídos, que a luta armada de libertação nacional, a luta armada era para os não instruídos. E que os instruídos tratavam-se, sim, de futura semente que iria germinar, depois da queda. E que cairia, por si só, o colonialismo. Não era preciso combater, era uma questão de tempo. O tempo resolveria.

Recusaram a disciplina do Partido, lutaram contra a FRELIMO, denegaram os combatentes da FRELIMO como maltrapilhos, como terroristas, publicaram panfletos atacando a FRELIMO, atacando a direcção da FRELIMO, o Comité Central da FRELIMO, que é o seu órgão máximo. Distribuíram declarações em todo o mundo dizendo que em Moçambique não existia a luta, tudo o que nós publicávamos eram invenções, e regressam em massa hoje.

Trata-se de infiltração refinada do imperialismo. Esperavam estes senhores a nova fase, fase da independência, para poderem agir: política do imperialismo.

De todo o modo — cito — a FRELIMO vai ter necessidade deles para reconstruir Moçambique, porque não tem técnicos. — Fim da citação.

A nossa política formada na nossa experiência, é: recusarmos a infiltração. Damos prioridade à política. A força do povo saberá vencer as dificuldades materiais e assumir o domínio da natureza e da técnica.

A estratégia do inimigo hoje é a de criar elites no nosso seio, no seio da nossa sociedade, a fim de utilizar moçambicanos para destruir os moçambicanos. É uma tentativa de restaurar a burguesia, porque a burguesia colonial está caduca.

O imperialismo sempre odiou as massas e desprezou a capacidade criadora das massas. Estas e outras técnicas são normais para o imperialismo. Importa que os revolucionários, os militantes, as forças progressistas, as forças amantes da paz estejam sempre em condições de impedir a infiltração do imperialismo ou dos agentes do imperialismo.

Cada regime, como sabem, suscita a sua oposição. Se quer estar ao lado dos capitalistas encontrará a oposição popular, se quer estar ao lado do povo encontrará a oposição dos capitalistas.

Dependem do sistema que quiserem. Nós preferimos estar ao lado do povo, porque os capitalistas formam um punhado e são preguiçosos, não produzem, não criam riqueza. O povo é que cria riqueza.

Tarefas desta sessão: analisar o processo da vitória da guerra popular de libertação; analisar as relações de força na fase presente da luta de classes; analisar a base ideológica e política que orienta a edificação da nova sociedade; analisar a fase de estruturação do poder popular democrático; analisar a maneira como a FRELIMO realiza o seu papel de força dirigente do Estado e da sociedade; analisar a situação do nosso continente e do mundo, e as perspectivas de desenvolvimento do combate popular no plano internacional; analisar a fase atingida pela nossa unidade e determinar como a elevar de acordo com as exigências do combate presente; a situação presente e suas exigências.

ESTRATÉGIA DO IMPERIALISMO

O poder revolucionário consolida e estende as conquistas populares: o estabelecimento do Estado de aliança operário-camponesa; a estratégia de aldeia comunal como revalorização da conquista de vida e produção colectiva; a via do triunfo do poder operário-camponês nas zonas rurais; a via do desenvolvimento sócio-económico do campo; a luta para impor o poder de Estado de classe às empresas capitalistas que sabotam a economia nacional; a recuperação das terras; a nacionalização da Educação, Saúde e empresas funerárias; a subida dos salários das classes mais desfavorecidas; a nacionalização do imobiliário; os primeiros projectos de industrialização e desenvolvimento rural; o reforço do combate para impor valores revolucionários e moçambicanos; a participação de milhões de pessoas no quadro dos grupos dinamizadores, no estudo e resolução dos problemas; a valorização do trabalho manual e do trabalho colectivo; a elevação de consciência internacionalista do povo moçambicano.

O poder revolucionário cria a sua oposição: o imperialismo e todos os reaccionários; o poder capitalista cria igualmente os seus inimigos: as massas populares, as massas exploradas.

E queremos dizer que depois destas vitórias todas, depois destas conquistas todas, o inimigo reagiu à nossa vitória.

Como é que reagiu no plano interno? Assistimos constantemente à sabotagem económica para desacreditar o poder revolucionário, para fazer crer que os trabalhadores são incapazes de administrar as riquezas que criam. Assistimos à subversão para levar moçambicanos a espionar moçambicanos. Levar os filhos dos pobres a restaurar o poder dos ricos, levar os nacionais a servir interesses estrangeiros, o imperialismo.

Para criar o estado de intranquilidade, assistimos a boatos, rumores, calúnias, intrigas; lançamento de bombas, como aconteceu na cidade de Maputo, em forma de canetas; provocações contra a legalidade; abuso do poder revolucionário e provocações armadas. Em resumo, os nossos inimigos querem demonstrar que só o colonialismo e o imperialismo podem manter a ordem e fazer respeitar os Direitos do Homem.

Querem desacreditar as forças patrióticas. Assistimos ao encorajamento do divisionismo com o objectivo essencial de minar a unidade nacional, de minar a unidade de classe, de minar a unidade entre a base e a direcção, para impor a lei da dominação imperialista e da exploração capitalista.

Assistimos e somos pressionados, constantemente, com chantagem tecnológica e fuga de quadros, para demonstrar a incapacidade dos moçambicanos de marchar com as suas próprias pernas. Queremos obrigar, nesta fase decisiva, que marchemos com pernas emprestadas. Quando formos velhos virão arrancá-las. Quando já não tivermos possibilidades.

No plano exterior, o imperialismo organiza campanhas de calúnias e descrédito contra a República Popular de Moçambique. Assistimos, ouvimos rádio todos os dias, jornais — não se faz nada de bom em Moçambique. Tudo o que se faz em Moçambique é mau. Não se faz nada para melhorar as condições do povo em Moçambique. Tudo o que se faz em Moçambique não sabemos para quem é.

A rádio, incluindo a de alguns países que nós pensamos são nossos amigos, incluindo alguns países com quem nós pensávamos que restabeleceríamos relações exemplares, são os primeiros a atacar a República Popular de Moçambique. São os primeiros a proclamar que o colonialismo mantinha a ordem e zelava pelos interesses do povo moçambicano.

Publicam sem vergonha que o povo moçambicano, no tempo colonial, vivia bem, bem acomodado. Que era bem tratado, tinha medicina gratuita. Significa que nos querem dizer e convencer que a nossa luta não foi justa, que o nosso combate não era libertador.

Querem-nos dizer, querem-nos convencer a dizer obrigado ao colonialismo, ignorando, esquecendo, que todo este estado de caos foi legado pelo colonialismo. Foi criado pela exploração brutal e cruel, foi criado pelo colonialismo que explorou o nosso povo sem piedade. Foi o colonialismo que dividiu o nosso povo em cores de pele, raças, origens e nacionalidades.

Quando queremos unir o povo, dizem que combatemos o povo. Por isso assistimos a provocações armadas na fronteira. Sobre tudo na fronteira do vagabundo e irresponsável Ian Smith. Mas nós estamos certos dessas provocações de Ian Smith porque o nosso povo está determinado a apoiar a luta, cujo incremento o próprio Ian Smith já anunciou.

A nossa tarefa não nos vai impedir de realizar o nosso dever internacionalista, de ajudar incondicionalmente a luta do Zimbabwe, de mobilizarmos o povo inteiro, do Rovuma ao Maputo, para apoiar e participar na libertação do povo do Zimbabwe. Não quer resolver as contradições internas e quer transferir o combate para

no nosso país. Nós recusamo-nos e recusaremos violentamente. Responderemos a ataque com ataque. Ataque reaccionário com ataque popular. Nós responderemos à agressão feita por um punhado. À agressão colonialista, à agressão racista, responderemos com um ataque popular e o ataque popular é um vento ciclónico. Significa que não pararemos em Salisbéria, pararemos onde termina a fronteira do Zimbabwe.

Ian Smith durante o tempo colonial, participou em várias incursões no nosso País. Smith organizou conjuntamente com os colonialistas portugueses os massacres de Mucumbura e outros massacres nas fronteiras. Estamos a dizê-lo publicamente. Avançaremos desta maneira: dente por dente, olho por olho.

Temos ocasião de afirmar que nós não somos um punhado, somos um povo inteiro, somos dez milhões, contra duzentos e setenta e três mil racistas do Zimbabwe. Se é consciente Smith devia, o mais depressa possível, entrar em negociações com os líderes do Zimbabwe, porque os duzentos e setenta e tal mil racistas que estão lá, não são todos do lado de Smith. Os que estão ao lado de Smith são um pequenito punhado que explora os duzentos e setenta e tal mil brancos que estão lá. Se quer ouvir o nosso conselho, para sair de uma maneira airosa, de uma maneira elegante, negociaria, porque será derrotado pelo vento da História. O povo do Zimbabwe vencerá.

Por isso assistimos a ofensivas ideológicas e morais contra a juventude e em especial através da droga, através de pornografia e outras formas.

ESTRATÉGIA DE CONSOLIDAR A VITÓRIA

Fensamos que só através de revalorizar e sintetizar a nossa rica experiência de, primeiro, unir, mobilizar e organizar as massas no combate pela conquista e defesa dos seus interesses. Segundo, rechazar as infiltrações, provocações e agressões inimigas. Terceiro, saber aceitar sacrifícios para superar as dificuldades. Quarto, libertar a energia eridora das massas organizadas para, contando com as próprias forças, progredir na via revolucionária e, progressivamente, resolver os nossos problemas económicos e sociais. Quinto, reforço da nossa aliança de classe e política: Primeiro, para consolidar a nossa vitória e, em segundo lugar, para reforçar a nossa aliança de classe e política. Reforçarmos as nossas relações com os países socialistas, aliados naturais dos movimentos de libertação, aliados naturais no combate contra o imperialismo, aliados naturais na luta contra a exploração do Homem pelo Homem, aliados naturais na consolidação do poder operário-camponês, aliados naturais no restabelecimento da paz mundial, aliados naturais no progresso e desenvolvimento. Este é o primeiro ponto. O segundo, com todos os países anti-imperialistas, especialmente de África e particularmente com os países vizinhos — países vizinhos, bem entendido — a Tanzânia e Zâmbia. Não estamos a falar da África do Sul, não estamos a falar do Zimbabwe.

O reforço da aliança e cooperação com os movimentos de libertação nacional. O nosso objectivo é liquidar o inimigo. Só poderemos liquidar o inimigo, desencadeando ofensivas que consolidem

e ampliem as nossas conquistas e impeçam o pequeno inimigo de tornar-se grande e forcem o grande inimigo a tornar-se pequeno.

Neste processo de luta de classes, de participação activa na resolução das contradições, de interiorização das tarefas, formar-nos-emos como quadros revolucionários. Aprendemos na grande escola da guerra popular, temperámo-nos na escola da luta de classes. São estes factores que determinam o conteúdo da Oitava Sessão do Comité Central, depois do II Congresso da FRELIMO. É uma sessão alargada ao Comité Executivo e a quadros superiores do Partido e do seu braço armado, as Forças Populares de Libertação de Moçambique.

EXTIRPAR AS RAIZES DO CAPITALISMO

Perguntariam qual a razão de convocar tantos quadros. Nós o fizemos em 1969, quando a nossa linha estava ameaçada, quando um punhado de reaccionários tentou tomar o poder pela violência. Nessa altura nós alargámos a reunião do Comité Central, fizemos participar na reunião do Comité Central de 1969, a partir do topo até à base e, assim, encontrámos as fórmulas correctas de resolver as contradições e preservar a unidade nacional, como arma fundamental para qualquer tipo de contradições, para qualquer tipo de inimigo.

Também em 1972, quando desencadeámos a ofensiva generalizada contra as manobras do inimigo, quando ele tentava transformar a cor dos cadáveres, quando tentava organizar moçambicanos contra moçambicanos, quando corrompia os nossos quadros, quando brutalizava a população nos aldeamentos, quando aumentava o seu exército, quando aumentava os assassinatos, quando os massacres já eram sistemáticos, nós convocámos a reunião alargada do Comité Central, para estudarmos e detectarmos a intenção verdadeira do inimigo e os seus objectivos, para que os pudéssemos neutralizar a tempo.

Agora temos de o fazer de novo porque, nessa altura, nós controlávamos algumas províncias, consolidávamos de uma maneira efectiva, as zonas libertadas. As nossas estruturas estavam ao nível de algumas províncias. Mas hoje convocamos esta reunião alargada do Comité Central porque controlamos o País inteiro. A luta também se agudiza do Rovuma ao Maputo e, para isso, precisamos de encontrar soluções concretas e adequadas que correspondam a esta fase actual do desenvolvimento da nossa luta e, sobretudo, porque já controlamos o aparelho de Estado.

Por isso esta sessão deverá, ainda, estudar a oportunidade da convocação do III Congresso Ordinário da FRELIMO. Pensamos que é uma necessidade imperativa, agora, a sua realização. Pensamos que esta reunião vai estudar a oportunidade da convocação do III Congresso, para que o povo inteiro participe, discuta, assuma e conheça o que é a FRELIMO, quais são os objectivos da nossa República e quais são os objectivos da nossa linha política. E, também, para eliminar certas tendências, para abalarmos e destruímos as mentalidades deixadas pelo colonialismo, os vestígios coloniais que ainda tentam resistir.

Não queremos que os vestígios coloniais ganhem a nossa juventude. A juventude é a seiva da Nação; a juventude é a esperança do progresso da nossa revolução, é a continuação da nossa luta; é a consolidação da aliança operário-camponesa, a de todos os trabalhadores.

Conhecemos juntos a luta de libertação nacional, marchámos juntos, estudámos cada problema que surgiu no seio da FRELIMO juntos, organizámos redes clandestinas, juntos encontramos soluções para os problemas; juntos criámos amigos no plano nacional e no plano internacional. Juntos da nova Revolução nos exige, de novo o nosso Povo sabe que juntos marchemos, que nos organizemos para juntos iremos mais longe.

Organizados e conscientes das nossas responsabilidades sabemos o que é mais importante; saberemos rejeitar as cargas impostas que a revolução transporta.

Pensamos que sairemos desta reunião revigorados. Receberemos, nesta reunião do Comité Central, o oxigénio que vai estimular o nosso sangue para vencermos a batalha de classes. Saberemos definir as contradições secundárias das principais e saberemos sair desta reunião unidos, mais do que nunca, porque os nossos objectivos são bem claros.

Mas só se formos sinceros nas nossas discussões; se formos profundos no nosso estudo; se formos capazes de assumir, de uma maneira larga e de uma maneira profunda, a complexidade e a globalidade dos nossos problemas, a problemática do nosso País, as realidades do nosso País, as potencialidades do nosso povo, as potencialidades do nosso País. Se soubermos fazer incidir a nossa batalha contra o individualismo, porque o individualismo é a forma do capitalismo, reflecte o capitalismo. Se nós soubermos combater a ambição. Se tivermos a preocupação de, em cada momento, procurarmos saber se realizámos correctamente os interesses das largas massas, venceremos o inimigo. Venceremos o imperialismo. Faremos do nosso país uma muralha indestrutível. Faremos de cada moçambicano inimigo do nosso inimigo; faremos do nosso Povo uma força invencível e poderemos provar que o processo da revolução é um processo irreversível.

Teremos de provar que a revolução se realiza em todos os países. Não há continentes especialmente escolhidos para a Revolução. Isso significaria existirem continentes escolhidos, especialmente, para combater o capitalismo, para combater a exploração. Mas, só liquidando o individualismo e assumindo os interesses das largas massas, só liquidando no nosso seio as intrigas poderemos engajar, de uma maneira profunda, em grande envergadura, as largas massas. Aí estaremos em condições de unir a direcção com a base; estaremos em condições de resolver as contradições que existem no seio do povo; estaremos em condições de resolver mesmo os problemas específicos, porque encontraremos soluções específicas em cada problema, em cada etapa, em cada fase da nossa luta, em cada fase da nossa reconstrução.

Por isso exigimos — é uma exigência do povo — que, em Moçambique, o individualismo não tenha lugar. Devemos extirpar as raízes do capitalismo, a vocação capitalista, o desejo de explorar. E, assim, daremos a nossa contribuição às lutas dos outros povos; daremos a nossa contribuição à luta de classes dos povos oprimidos. É o que nós pensamos. E, por isso, dizemos: saibamos ser servidores do povo. É pela nossa atitude em relação às massas e aos seus interesses, que nos definimos. Este é o critério do revolucionário, a sua razão de ser.

**A LUTA CONTINUA!
INDEPENDÊNCIA OU MORTE, VENCEREMOS!**

Maputo, 11 de Fevereiro de 1976.

(De: Documento da 8ª Sessão do Comité Central da FRELIMO, Maputo, DIP, 1976, pag. 7-23)